

CAMINHOS DE VALORIZAÇÃO

O exercício profissional vem sofrendo pressões em sentidos contrários que muito tem dificultado a atuação do escritório de arquitetura, estabelecido e com uma proposta de permanência e de qualidade.

De um lado, o aviltamento constante e contínuo dos preços de seus serviços, resultado de uma concorrência desleal, predatória e suicida.

De outro, as exigências cada vez maiores de uma cobrança de responsabilidades, fruto da modernização da sociedade brasileira, que a partir de 88, com o estabelecimento do Código do Consumidor, busca cada vez encontrar responsáveis pelo mau serviço ou produto.

Forças contraditórias: como assumir maiores responsabilidades num universo de preços em redução?

Preocupados com a situação os arquitetos da AsBEA realizaram recentemente um muito concorrido work shop, onde, ao final da discussão, dois caminhos não excludentes entre si, foram debatidos e levados ao estudo de todos.

De uma lado, uma proposta de uma listagem completa e extensiva de todos os trabalhos inseridos no escopo de trabalho, com seus preços específicos, de modo a ficar muito estabelecido e claro, dentro de uma semântica acordada, quais os serviços e responsabilidades incluídas, de forma a buscar uma adequação entre escopo, responsabilidade e remuneração.

De outro, a aceitação destas responsabilidades como inerentes e características do trabalho do arquiteto e por isto merecedoras de um honorário compatível a ser procurado.

Num contexto que busca cada vez mais a simplificação e a redução de responsáveis pela execução de tarefas, haja visto a grande

aceitação dos programas "turn key", vejo uma grande dificuldade na aceitação do primeiro caminho, salvo como elemento didático para divulgar e tornar conhecido o enorme universo que compõe o escopo de trabalho do arquiteto de hoje.

No momento em que o trabalho do arquiteto vem sendo incluído, nas últimas concorrências de grandes projetos, como parcela do escopo de trabalho das construtoras, penso ser cada vez mais importante afirmarmos e lutarmos pela necessidade do nosso trabalho, de forma completa e aceitando responsabilidades gerenciais e administrativas, que, mesmo fugindo de um entendimento mais facilitado das prerrogativas imediatas do conceito tradicional do arquiteto, são funções da maior importância na concentração do poder para entregarmos um trabalho completo e construível.

São aspectos que passam pelos conceitos de coordenação de projeto, gerenciamento das equipes de projetos complementares, pela entrega, enfim de um documento que vá para o canteiro, como a última e responsável informação de execução.

É a visão que tenho do problema, onde, não importando o menu de serviços oferecidos ao mercado, o arquiteto deve sempre buscar assumir a responsabilidade total, não só como uma forma de assegurar o exercício de sua profissão em nível elevado, como ter meios e condições de produzir um trabalho de melhor qualidade.

Numa época em que se busca uma divulgação dos conceitos de qualidade, é fundamental que se devolva ao arquiteto, através de uma remuneração decente, a oportunidade de produzir um serviço completo em todas as suas diversas etapas, consciente e de alta qualidade.

É uma discussão fascinante, a que convido os colegas para nela participarem.

Edison Musa

Presidente da AsBEA

Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura

Rio, 01.05.99